



Universidade de Brasília
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

NATALY VIEIRA DE PINHO

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA**

**Brasília -DF
2021**

Nataly Vieira de Pinho

**EXPECTATIVAS CULTURAIS CORPORAIS FEMININAS NO BRASIL E SUA
INFLUÊNCIA DESDE A INFÂNCIA ATÉ A VIDA ADULTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação Física da UnB como requisito para a conclusão do Curso de Educação Física - Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Vianna

Brasília, 19 de Maio, 2021

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por estar sempre presente em minha vida, principalmente nas situações mais cotidianas, e assim, me impedindo de desistir todas as vezes na qual, eu ousei cogitar tal possibilidade.

Ao meu orientador que sempre acreditou em mim, me impulsionou, me inspirou e inspira a desenvolver minhas capacidades. Serei eternamente grata por todas as oportunidades.

RESUMO

As expectativas culturais corporais e a busca pelo corpo cultural ideal e irreal, tem se tornado presente cada vez mais cedo na vida de crianças. Brinquedos que imitam humanos, a mídia e inclusive as aulas de Educação Física se tornaram objetos opressores, que impõem um padrão ideal corporal, levando cada vez mais pessoas a desenvolverem transtornos alimentares e distúrbios de imagem. No presente trabalho buscou-se compreender melhor os ideais culturais corporais sobre o corpo feminino, e avaliar se houveram mudanças nesse padrão ideal corporal no Brasil, assim como, as influências desses ideais na vida de mulheres, desde a infância. Foram utilizadas as medidas antropométricas das modelos da Playboy Brasil desde a primeira edição em 1973 até 2018, para verificar se houveram mudanças no padrão ideal corporal nos últimos 45 anos. Dados publicados pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética em 2020, corroboram com os resultados que, indicaram uma mudança significativa no padrão ideal corporal no Brasil.

Palavras-chave: expectativas culturais corporais; ideal corporal; imagem corporal.

ABSTRACT

The body cultural expectations and the search for the ideal and unreal cultural body, has become present earlier and earlier in the lives of children. Toys that imitate humans, the media and even Physical Education classes have become oppressive objects, imposing an ideal body pattern, leading more and more people to develop eating disorders and image disorders. In the present work, we sought to better understand the cultural ideals of the body about the female body, and to evaluate whether there were changes in this ideal body pattern in Brazil, as well as the influences of these ideals in the lives of women, since childhood. The anthropometric measurements of Playboy Brasil's models were used from the first edition in 1973 to 2018, to verify if there had been changes in the ideal body pattern in the last 45 years. Data published by the International Society of Aesthetic Plastic Surgery in 2020, corroborate the results, which indicated a significant change in the ideal body pattern in Brazil.

Keywords: body cultural expectations; ideal body; body image.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O CORPO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS IDEAIS CORPORAIS NO BRASIL.....	8
3. IMAGEM CORPORAL E IDEAL CULTURAL CORPORAL	11
4. MUDANÇAS NO IDEAL CORPORAL NO BRASIL.....	15
5. A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E EXPECTATIVA CULTURAL CORPORAL.....	19
6. BRINQUEDOS QUE IMITAM HUMANOS E SUA RELAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL.....	22
7. CONCLUSÃO.....	27
8. REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

Desde a infância há uma influência para adquirir hábitos que ajudem a conquistar um corpo perfeito, de acordo com o ideal de determinada época e sociedade. A busca pelo padrão estético ideal é imposta pela sociedade, e inclusive pode ser representado por brinquedos com corpos humanos. Esses brinquedos costumam ser inspiração para diversas crianças, porém são o reflexo da sociedade e acabam fazendo parte da pressão social na busca por um ideal cultural corporal, irreal e inalcançável.

Os padrões de beleza culturais corporais afetam a vida de várias pessoas, desde a infância com a influência dos brinquedos que imitam humanos, e inclusive com as redes sociais que se fazem presentes cada dia mais cedo no cotidiano das crianças, até posteriormente na vida adulta, quando principalmente as mulheres são pressionadas pela mídia. Em 2019 o Brasil se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas estéticas do mundo, segundo dados publicados pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, o que leva a reflexão dos motivos de tantas intervenções cirúrgicas estéticas, principalmente pelas mulheres.

Buscamos analisar se houveram mudanças no padrão ideal corporal nos últimos 45 anos no Brasil, no qual utilizamos as medidas antropométricas das modelos que posaram na Playboy Brasil, pois a revista foi uma das principais responsáveis pela reprodução dos padrões de beleza corporal ideal no Brasil. Os ideais culturais corporais sofrem alteração de acordo com sociedade e a época, se em um período “a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução” cujo Andrade (2003 p. 126) afirma, hoje podemos dizer que o ideal cultural corporal de beleza é outro.

Há dados que corroboram com a teoria de que realmente houve uma mudança no padrão e que tais mudanças poderiam influenciar as mulheres nas realizações de algumas cirurgias plásticas estéticas. Além das influências na vida da mulher adulta, crianças e adolescentes também sofrem a pressão social pela busca do corpo cultural ideal, muitas vezes dentro da escola.

No Brasil os projetos pedagógicos de inserção da Educação Física nas escolas, fazem parte do contexto histórico-cultural dos padrões corporais ideais e, desse modo, se tornaram objeto de opressão.

A presente discussão se faz necessária pois o professor de Educação Física tem como objeto de estudo e ensino a cultura corporal, que está inserida nas aulas de Educação Física desde a infância até a adolescência. SOARES (1996, p.106) afirma: “O corpo, e o conjunto das representações práticas sobre ele, tornou-se objeto de reflexão, de conhecimento e de intervenção”.

É preciso compreender e problematizar as expectativas culturais corporais, principalmente nas aulas de Educação Física pois os indivíduos devem amar seu corpo e não odiá-lo.

O CORPO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS IDEAIS CORPORAIS NO BRASIL

Para compreender o significado da expectativa cultural corporal, é necessário primeiramente entender o que é o corpo, como ele foi e continua sendo moldado pela sociedade e para a sociedade. É preciso entender também o que é imagem corporal e ideal cultural corporal. No presente trabalho a ênfase será não apenas ao corpo, mas principalmente ao corpo feminino e sua construção além da biológica mas também social, histórica e cultural, principalmente no Brasil.

Segundo Barros (2005, p. 547-57):

“O corpo é antes de tudo, nosso primeiro e maior mistério. Para estarmos realmente presentes no mundo, é preciso reconhecer que somos um corpo em sua imensidão de complexos processos que nos fazem ricos em sua consciência e inconsciência desconcertantes e pragmáticas e em suas atitudes, que são sempre corporais.”

Segundo Breton (1953) o corpo é o vetor semântico na qual a relação com o mundo é construída, sendo moldado pelo contexto social e cultural em que é inserido. O corpo é além do biológico, muito mais que apenas o “conjunto formado por cabeça, tronco e membros” segundo as ferramentas de pesquisa da internet, tem representação simbólica e possui uma dimensão sociocultural implicando nas relações sociais e sendo reflexo dos valores, da classe social pertencente. Andrade (2002, p. 119-143) define o corpo, especialmente o feminino como uma construção social, cultural e histórica, tendo inúmeras representações de acordo com o tempo e os lugares.

Segundo Soares (1994, p. 5) no séc. XIX são elaborados os conceitos básicos sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho. É importante citar esse período pois é nele que ocorrem as propostas pedagógicas para integração da Educação Física nas escolas no Brasil, sendo consequência da Revolução Industrial e das influências europeias, como a chegada da família real portuguesa ao Brasil.

A partir desse ponto, começa então uma ordem higienista definindo o corpo como apenas biológico, tornando o corpo “a-histórico” (Soares, 1994, p. 5), ou seja, não importava a história desse indivíduo, mas sim o seu corpo e suas capacidades físicas. É importante citar a Educação Física pois é por meio dela que diversas ideologias são efetivadas na sociedade.

Com tais propostas pedagógicas para inserção da educação física nas escolas, os médicos higienistas responsáveis por essas propostas, basearam-se em concepções puramente biológicas, pois haveria uma “adequação dos corpos aos novos padrões exigidos pela sociedade de mercado” (Soares, 1994 p. 102). É possível compreender que naquele momento a sociedade tinha um padrão corporal ideal e buscava a padronização das pessoas que não se encaixassem nesse padrão, geralmente com perfil atlético e saudável, pois deveriam ser além de tudo, ágeis e fortes. ANZEI em 2000 comprova tal afirmação ao citar Castellani (1988):

“Os médicos que baseados em uma visão higienista e na maioria das vezes racista, lançaram mão da educação física para definir um padrão físico ideal (corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente) que representasse superioridade racial e social da burguesia branca brasileira.”

Em 1907 os médicos higienistas propuseram a presença de médicos nas escolas, com o papel de realizar exames nos alunos, evitando os “excessos” e os “exageros”, orientando na prática dos exercícios físicos e que se fossem bem feitos, segundo o Dr. Jorge de Souza a raça seria regenerada e melhorada (Soares, 1994 p. 102).

Em 1913 os médicos fizeram necessária sua presença dentro da escola obtendo sustentação de seus argumentos com a realização em Paris do Congresso Internacional de Educação Física, no qual confirma a necessidade de médicos nas escolas examinando meninos e meninas, classificando-os como normais (fisicamente regulares) ou retardados, e dessa forma eram indicados a um médico especialista “cinesio-terapeuta” (Soares, 1994 p. 130).

Em 1902, o médico Dr. B. Vieira se referindo a Ginástica cita em seu livro “*A higiene na Escola*” a seguinte frase: “Além de que influe no crescimento e na esthetica é um excellente meio de educação moral”, trecho esse citado por Soares (1994) que mostra claramente a preocupação com a beleza estética da época e o desejo de impor tal ideal.

Nesse período a eugenia, teoria na qual acredita que pelo controle genético haveria melhoria da raça humana, ganha força no Brasil e a mulher cuja tarefa principal seria gerar filhos, tinha um papel de extrema importância, pois seu propósito era proliferar “bons exemplares da espécie” (Soares, 1994 p. 121) e a prática de exercícios físicos deveria construir e moldar o corpo feminino para que pudesse realizar tal tarefa.

Não é novidade que o papel da mulher na sociedade daquela época era visto como apenas procriar, mas é possível compreender que a partir dali ela também passa a ter o dever de moldar seu corpo para atender as expectativas da sociedade. Segundo Soares (1994 p. 121), Rui Barbosa, que era defensor da Eugenia, em 1882 julga necessário definir certas medidas para integração da Ginástica nas escolas, sendo a principal para o presente trabalho:

“Extensão obrigatória da ginastica a ambos os sexos na formação do professorado e nas escolas primarias de todos os graus, tendo em vista, em **relação a mulher a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura.**”

O autor Fernando de Azevedo também se faz presente em tais discursos e deixa clara a sua posição ideológica no qual a própria Soares (1994) define bem: “Tanto Rui Barbosa quanto Fernando de Azevedo, em momentos distintos, articulados, porém, no plano ideológico, não pouparão páginas em seus trabalhos, para enaltecer os efeitos higiênicos dos exercícios físicos sobre as “formas feminis””.

Quando os autores utilizam a expressão “formas feminis” questiona-se que formas seriam essas, com toda miscigenação do Brasil, povos indígenas, africanos,

européus e asiáticos, seria possível definir uma única forma feminina? Seria possível por meio do higienismo, do exercício físico, da ginástica padronizar as mulheres de tal forma? Hoje temos a informação de que não é possível, mas ainda assim existe uma ideologia que perdura na sociedade, insistindo na ideia de que apenas um tipo corporal é belo, de que apenas o ideal corporal escolhido pelo grupo social é o correto e somente ele deve ser aceito, “aí reside uma contradição, no sentido de que a busca é coletiva e não pessoal, assim como nada tem de particular e específica, ao contrário, perde-se num padrão” Vilhena (2005, p. 240).

IMAGEM CORPORAL E IDEAL CULTURAL CORPORAL

Segundo Fischer (1990, p.5) imagem corporal é como “cada indivíduo constrói um modelo ou figura de si mesmo que constitui um padrão contra os julgamentos da postura e dos movimentos corporais”, já Schilder (1999) define imagem corporal como a representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo compreendendo não apenas o que é percebido pelos sentidos, como também ideias e sentimentos referentes ao corpo, sendo grande parte inconscientes. Em 2002, a imagem corporal pode ser compreendida como “um modelo postural padrão que cada pessoa constrói de si mesma e que serviria de referência para que ela pudesse contrapor a esse modelo suas diferentes posturas e movimentos” (TURTELLI et al pg. 152).

Podemos então concluir que imagem corporal é como você se vê e se sente diante do espelho ou ao se imaginar, podendo trazer sentimentos positivos ou negativos, sendo influenciáveis e dessa forma ser inconstante e variável. Segundo Knijnik & Simões (2000) a imagem corporal é multidimensional e pode ser definida como um fenômeno psicossocial, físico e fisiológico e se torna o resultado do desenvolvimento do indivíduo na relação consigo mesmo e com os outros (Lourenção van Kolck 1984).

Se a imagem corporal é como reconhecemos nosso corpo, como o percebemos e se essa imagem corporal é psicossocial e influenciável, então “como construir uma imagem corporal tendo por espelho os olhos do outro?” conforme questiona Nahoum (1987, p.23). Existe um discurso da beleza do corpo feminino, discurso esse que molda não só os corpos, mas a imagem corporal das meninas e mulheres e a partir disso pode moldar também suas vidas (Guthrie & Castelnuovo, 1994).

Podemos definir o discurso da beleza do corpo feminino, ou “formas feminis” como diriam Rui Barbosa e Fernando de Azevedo como padrão de beleza corporal ou ideal cultural corporal, que são o conjunto de características que um corpo deveria apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos (FREITAS, 2010). Dessa forma, o significado de expectativas culturais corporais femininas é o que determinada cultura espera do corpo da mulher, nesse caso, a cultura brasileira. É como a sociedade julga que o corpo da mulher deve ser, pois existe um ideal corporal, um padrão estético a ser seguido.

Goldenberg cita em *“The Body As Capital”* a definição de “corpo-capital” como sendo os corpos da classe média brasileira, heterossexual, com ensino superior e alta renda constituindo uma elite cultural do Brasil, sendo valorizados e imitados (incluindo seus corpos) pelas outras classes. Esse grupo de pessoas possui poder aquisitivo, político e cultural, seus corpos são moldados para serem os corpos modelos da sociedade, principalmente para as mulheres, sendo o corpo ideal a ser alcançado, o padrão de beleza a ser atingido, no qual muitas vezes é inalcançável. Um trecho de Foucault (1985) explica claramente como o aspecto político pode influenciar tanto os padrões culturais corporais:

“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica [FOUCAULT, 1985, p. 203].”

As expectativas culturais corporais e os padrões de beleza sofreram e ainda sofrem alterações, assim como a imagem corporal. Hoje podemos dizer que o padrão

ideal de beleza foi alterado. Andrade (2003, p. 26) afirma: “a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução”. Até meados do séc. XIX a gordura representava muito mais do que apenas tecido adiposo, mas também poder aquisitivo e ou político o que nos remete novamente ao parágrafo anterior, mostrando que mesmo hoje no séc. XXI os padrões corporais ainda são pertencentes àqueles que possuem poder, e dessa forma possuindo também o poder simbólico pela representação de ser um ideal de beleza.

“Ao buscar semelhança com tais corpos, o que se deseja não é a capacidade de obter os resultados relacionados à modalidade (fazendo referência aos esportes), mas o poder de simbolizar superioridade, auferindo semelhante prestígio ao indivíduo.” (FREITAS, 2010)

Segundo Anzai (2000), no ano de 1999, Goellner concluiu que em 13 anos de publicações da Revista Educação Física (1932 a 1945) a beleza feminina era mitificada, irreal, construída a partir de um ideal cultural, um padrão estético para representar figuras humanas ideais e sendo um ideal a ser alcançado. As revistas, televisão e a mídia estiveram sempre presentes como reprodutoras e influenciadoras dos padrões culturais de beleza, anunciando produtos que ajudem a alcançar esses padrões correspondentes da época, hoje há o adicional da internet e redes sociais que mesmo de formas diferentes continuam reproduzindo as mesmas propagandas. Anzai reforça tal afirmação em 2000, ao citar que a mídia reforça os sistemas hierárquicos de valores ao fazer propagandas de produtos em busca da beleza estética, e que dessa forma surge uma busca por ascensão social, profissional e afetiva, pois a aparência dos corpos se torna mais importante do que outros aspectos.

A expectativa cultural corporal é nada mais do que a pressão social para que seu corpo seja não como ele realmente é, mas sim como o padrão de beleza corporal ideal daquela época. Pressão essa que induz milhares de pessoas todos os dias a comprarem produtos milagrosos para emagrecimento, ganho de massa, produtos para esculpir e modelar seus corpos, juntamente com o tema saúde que sempre está vinculado, pois muitas vezes o ideal cultural corporal é considerado a representação do corpo saudável. É possível notar a ironia ao pensar que na busca pelo ideal cultural corporal (o corpo perfeito), vinculado como o corpo saudável, as pessoas acabam

desenvolvendo transtornos alimentares, distúrbios de imagem e se submetendo a procedimentos estéticos invasivos.

Bordo em 1997 diz: “Nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade” fortalecendo a ideia de que os corpos devem ser moldados como a sociedade acredita que deve ser, sejam eles moldados por meio de exercícios físicos, dietas e produtos que dizem trazer resultados quase imediatos ou cirurgias plásticas estéticas.

Diferente do padrão de beleza antigo, no qual as curvas e as dobras eram sinônimas de beleza, no final do século XX começa a surgir um novo padrão contrário ao até então vigente: A magreza. Em 1989, Lipovetsky (p. 44) diz que as pessoas preferem se parecer com os inovadores contemporâneos, menos com seus antepassados e conseqüentemente, se assemelharem aos indivíduos que se destacam por serem superiores devido ao prestígio e a classe.

Se antigamente existiam as deusas gregas, as representações de um corpo idealizado e desumanizado (Vilhena, 2005), hoje existem as modelos, atrizes e blogueiras com seus corpos perfeitos, muitas vezes moldados por cirurgias plásticas, harmonizações faciais e outros procedimentos invasivos, buscando um ideal inalcançável sem tais procedimentos, lutando contra o envelhecimento e a ordem natural do corpo de forma tão agressiva.

Hoje esse tipo de marketing via redes sociais, se faz muito mais presente na vida de crianças e adolescentes pois está disponível a qualquer instante sendo ativado por apenas dois toques na tela do celular, inclusive em vários jogos e principalmente como propagandas que são oferecidas em troca de mais chances de vitória.

MUDANÇAS NO IDEAL CORPORAL NO BRASIL

Os padrões de beleza e os ideais culturais corporais não só podem, como sofrem alterações de acordo com a época e sociedade em que se encontram, tais mudanças não seriam diferentes no Brasil. Acreditamos que uma dessas mudanças tenha ocorrido a partir dos últimos 45 anos, para investigar tal questionamento, realizamos uma análise de 502 edições da revista Playboy, desde a primeira edição em 1973 até a edição de Julho/Agosto de 2018.

Em Agosto de 1973 é inaugurada no Brasil a primeira edição da revista Playboy trazida dos Estados Unidos pela Editora Abril, sendo lançada com o nome “Revista do Homem” e apenas em Julho de 1978 passou a se chamar Playboy, a revista teve extrema importância na representação do ideal corporal no Brasil. A Playboy surge como o antigo nome diz, como um produto para o homem, no qual as mulheres consideradas belas e pertencentes ao padrão de beleza ideal do Brasil realizavam ensaios fotográficos nuas. As capas eram estampadas por diversas mulheres, grande maioria brasileira, consideradas sensuais e com corpos esculturais, se tornando mulheres “modelos” as quais deveriam ser inspiração para tantas outras.

Dessa forma a Playboy se torna uma das maiores responsáveis pelo padrão de beleza corporal no Brasil desde sua estreia 1973 até meados de 2018, conforme afirma FELIX, C. J. (2019):

“As mídias impressas que circularam no Brasil no final do século XX e início do século XXI, reproduziram discursos e modelos de corpos padrões, especificamente a revista Playboy no Brasil, além de determinar padrões para os corpos femininos, ainda os representou através de seu desnudamento, uma objetificação deste corpo, os apresentando com um produto sexual a ser consumido por seu público.”

Apesar de considerar ser um tema de extrema importância, no presente trabalho não haverá discussão a respeito da objetificação e sexualização da mulher, pois o objetivo primordial é investigar as mudanças nas expectativas culturais corporais

femininas no Brasil e como elas podem afetar a vida de mulheres, desde a infância até a vida adulta.

Desta forma, buscou-se avaliar se desde a primeira edição brasileira em 1973 até a edição de agosto em 2018 houveram mudanças significativas no padrão corporal das mulheres que realizaram ensaios na revista playboy, pois visualmente as primeiras edições exibem mulheres que aparentam serem mais magras, enquanto nas últimas edições percebemos mulheres com um maior volume de massa muscular, busto e quadris.

Ao todo 502 edições da revista foram analisadas, 562 modelos de um total de 856 modelos foram selecionadas (por falta de dados) e seus dados antropométricos obtidos. Os dados obtidos foram retirados das próprias edições quando divulgados, ou por entrevistas realizadas na mesma época do ensaio. Os dados antropométricos extraídos foram: idade, altura, peso, busto, cintura, quadril e coxa.

Dados	Idade	Altura	Peso	Busto	Cintura	Quadril	Coxa
N	550	546	514	519	509	518	257
Média	23,53	1,69	55,15	88,60	63,37	93,09	54,49
Desvio Padrão	4,58	0,05	5,25	4,54	4,41	5,30	4,52
EPM	0,20	0,00	0,23	0,20	0,20	0,23	0,28
P50	22,50	1,70	55,00	89,00	63,00	92,00	54,00
Máximo	47,00	1,82	90,00	110,00	90,00	122,00	91,00
Mínimo	17,00	1,52	42,00	60,00	50,00	81,00	43,00
Correlação Por Tempo	0,15	-0,01	0,27	0,05	0,39	0,46	0,03

Tabela 1 – Dados antropométricos das modelos da revista Playboy Brasil.

Nos dados apresentados destacamos que todas as medidas exceto a altura ($r = -0,01$), tiveram uma correlação positiva, mostrando que há de fato uma mudança significativa nas medidas dessas mulheres durante o período de 45 anos de edições

analisados. A maior correlação positiva foi a da medida do quadril ($r= 0,46$), seguido da cintura ($r=39$) e do peso ($r=0,27$) que também sofreu um aumento durante os anos analisados. Das 562 modelos, apenas 257 tiveram as medidas da coxa divulgadas, sendo a primeira delas apenas no ano de 1982, o que alterou os resultados de correlação da região da coxa.

Além dos resultados apresentados, a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética divulgou no ano de 2020 as cirurgias mais realizadas em 2019 pelas brasileiras, sendo elas respectivamente em ordem decrescente: Lipoaspiração, aumento de mama, abdominoplastia e aumento de nádegas, nesse último caso o Brasil é o país que mais realiza essa cirurgia no mundo, no qual foram realizadas 115.531 cirurgias de aumento de nádegas em 2019, conforme quadro abaixo:

SURGICAL PROCEDURES	WORLD-WIDE	USA	BRAZIL	JAPAN	MEXICO	ITALY	GERMANY	TURKEY	FRANCE	INDIA	RUSSIA	ARGENTINA	COLOMBIA	SPAIN	GREECE	UNITED KINGDOM	THAILAND
FACE & HEAD																	
Brow Lift	270,917	24,219	40,214	200	17,034	9,132	7,404	6,003	4,231	6,504	19,443	4,202	6,803	4,237	635	1,777	3,641
Ear Surgery	288,905	12,351	31,798	326	13,615	10,467	6,454	10,107	10,041	21,648	13,354	7,172	8,396	8,321	3,447	5,277	1,693
Eyelid Surgery	1,259,839	113,988	145,346	150,589	63,147	40,449	44,592	35,496	37,870	36,528	70,432	20,900	26,634	26,097	11,598	17,264	20,286
Facelift	448,485	65,688	59,870	37,317	20,688	8,020	8,759	11,296	16,933	7,488	33,468	7,271	6,181	5,217	2,998	7,377	4,229
Facial Bone Contouring	108,536	6,624	10,399	997	10,790	3,294	1,509	3,756	3,224	9,888	8,281	1,265	2,170	1,133	479	215	1,987
Fat Grafting-face	598,823	49,473	61,072	12,875	37,446	26,869	15,032	26,100	17,615	28,152	32,127	7,436	11,571	11,915	5,377	3,285	5,670
Neck Lift	260,747	31,326	30,416	166	15,505	6,491	3,618	7,047	9,716	4,800	17,758	6,435	4,769	5,330	2,014	3,640	2,869
Rhinoplasty	821,890	39,330	72,433	28,987	47,748	27,522	14,166	61,495	20,796	48,936	40,281	22,000	21,007	13,232	7,486	11,987	14,309
Total Face & Head	4,058,143	342,999	451,546	231,457	225,972	132,245	101,534	161,298	120,427	163,944	235,143	76,681	87,530	75,483	34,033	50,824	54,684
BREAST																	
Breast Augmentation	1,795,551	269,514	211,287	5,633	74,637	56,073	66,972	45,893	53,938	36,480	67,896	33,275	39,720	48,559	12,301	36,930	12,558
Breast Implant Removal	229,680	47,679	19,355	618	10,068	8,521	5,895	3,901	7,217	2,160	6,940	4,565	5,469	5,524	1,125	6,031	1,554
Breast Lift	741,284	121,302	114,389	65	28,058	20,475	19,712	22,055	17,453	10,584	28,448	9,097	17,594	18,419	4,066	14,087	3,738
Breast Reduction	600,219	78,936	87,640	63	19,392	15,943	20,243	24,955	21,380	18,384	17,576	10,164	13,933	11,190	3,154	14,378	3,163
Gynecomastia	273,344	23,736	32,099	84	11,640	6,158	9,178	9,599	8,894	26,112	3,860	5,170	5,345	4,993	2,884	4,502	1,457
Total Breast	3,640,079	541,167	464,771	6,463	143,795	107,169	122,000	106,401	108,882	93,720	124,720	62,271	82,061	88,684	23,530	75,929	22,470
BODY & EXTREMITIES																	
Abdominoplasty	924,031	131,652	154,663	39	45,220	19,599	24,280	18,807	26,888	29,088	29,409	16,335	21,628	13,722	4,336	15,380	3,499
Buttock Augmentation	479,451	37,329	115,531	24	52,909	4,490	5,029	5,742	7,758	8,904	10,944	7,029	24,837	5,330	1,410	592	1,361
Buttock Lift	54,894	7,452	5,650	1	5,268	653	1,928	1,900	1,039	2,280	2,537	264	1,435	265	380	431	407
Liposuction	1,704,786	242,259	231,604	8,259	82,347	39,476	62,865	41,847	38,671	79,248	64,815	22,462	39,042	27,567	14,736	17,426	7,169
Lower Body Lift	75,895	7,797	9,678	62	4,821	1,154	1,928	3,045	2,986	3,912	1,758	1,463	1,729	868	802	1,023	601
Thigh Lift	93,334	9,522	10,459	11	4,779	1,904	3,283	3,596	3,268	2,640	2,954	2,167	1,955	1,848	1,406	1,486	617
Upper Arm Lift	168,289	19,734	19,416	4	10,238	4,587	6,608	5,351	6,308	4,968	3,135	2,167	3,989	2,644	1,547	2,800	811
Labioplasty	164,667	12,006	30,356	3,223	5,310	3,155	6,789	3,944	4,772	6,024	7,737	2,398	3,435	5,524	1,212	3,877	979
Total Body & Extremities	3,665,347	467,751	577,357	11,623	210,892	75,018	112,710	84,231	91,689	137,064	123,288	54,285	98,050	57,768	25,829	43,015	15,443
Total Surgical Procedures	11,563,569	1,351,917	1,493,673	249,543	580,659	314,432	336,244	351,930	320,997	394,728	483,152	193,237	267,641	221,935	83,391	169,768	92,597

Quadro 1 – Total de procedimentos realizados por país. Fonte: www.isaps.org

Os dados da ISAPS corroboram com a teoria de que houve sim uma alteração do padrão ideal corporal e consequentemente das expectativas culturais corporais no Brasil. Se o perfil de mulheres magras com seios avantajados e quadris pequenos foi considerado o padrão ideal de beleza corporal nos anos 70, hoje podemos dizer que esse padrão foi alterado e as mulheres buscam quadris e glúteos mais volumosos.

TOTAL SURGICAL PROCEDURES	2019	2018	2015	Percent Change 2019 vs. 2018	Percent Change 2019 vs. 2015
FACE & HEAD					
Brow Lift	270,917	220,055	243,140	23.1%	11.4%
Ear Surgery	288,905	262,078	252,718	10.2%	14.3%
Eyelid Surgery	1,259,839	1,099,960	1,264,702	14.5%	-0.4%
Facelift	448,485	398,798	411,529	12.5%	9.0%
Facial Bone Contouring	108,536	98,727	108,250	9.9%	0.3%
Fat Grafting-face	598,823	542,305	591,894	10.4%	1.2%
Neck Lift	260,747	225,578	232,606	15.6%	12.1%
Rhinoplasty	821,890	726,907	730,287	13.1%	12.5%
TOTAL FACE & HEAD	4,058,143	3,574,408	3,835,127	13.5%	5.8%
BREAST					
Breast Augmentation	1,795,551	1,862,506	1,488,992	-3.6%	20.6%
Breast Implant Removal	229,680	207,545	153,476	10.7%	49.7%
Breast Lift	741,284	710,014	512,248	4.4%	44.7%
Breast Reduction	600,219	534,294	423,093	12.3%	41.9%
Gynecomastia	273,344	269,720	212,328	1.3%	28.7%
TOTAL BREAST	3,640,079	3,584,079	2,790,138	1.6%	30.5%
BODY & EXTREMITIES					
Abdominoplasty	924,031	888,712	758,590	4.0%	21.8%
Buttock Augmentation	479,451	346,432	289,023	38.4%	65.9%
Buttock Lift	54,894	43,734	30,905	25.5%	77.6%
Liposuction	1,704,786	1,732,620	1,394,588	-1.6%	22.2%
Lower Body Lift	75,895	81,147	56,169	-6.5%	35.1%
Thigh Lift	93,334	84,508	70,672	10.4%	32.1%
Upper Arm Lift	168,289	138,922	102,588	21.1%	64.0%
Labiaplasty (excluding vaginal rejuvenation)	164,667	132,664	95,010	24.1%	73.3%
TOTAL BODY & EXTREMITIES	3,665,347	3,448,740	2,797,545	6.3%	31.0%
TOTAL SURGICAL PROCEDURES	11,363,569	10,607,227	9,422,810	7.1%	20.6%

Quadro 2 – Número de procedimentos cirúrgicos mundiais por região do corpo. Fonte: www.isaps.org

Podemos observar que houve um aumento de apenas 20% das cirurgias de aumento de mama entre os anos de 2015 a 2019, com inclusive, uma redução de 3,6% na cirurgia de aumento de mama, no ano de 2019 contra 2018. A realização de cirurgias para remoção do implante mamário teve um aumento de 10,7%, no ano de 2019 comparado a 2018, e um aumento de 49,7% de 2015 a 2019. Enquanto houve um aumento de 38,4% no aumento de cirurgias de aumento de nádegas em 2019 comparado a 2018 e de 65,9% de 2015 a 2019, indicando maior procura pelo aumento de glúteos e uma redução na procura por aumento de seios.

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E EXPECTATIVA CULTURAL CORPORAL

A expectativa cultural corporal sofre e ainda sofrerá alterações, assim acaba moldando e influenciando também na imagem corporal, segundo Amaral (2007): “A imagem corporal se modifica a fim de atender às exigências do meio ou às necessidades individuais e “condensa, assim, a experiência do homem em sua atualidade e marca sua presença no mundo” (FREITAS, 1999, p.26).

Fisher (1990, p.8) cita que “a imagem corporal não é só uma construção cognitiva, mas também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros” reforçando a ideia de que além do processo de desenvolvimento interior, a imagem corporal também é reflexo das interações sociais. Schilder (1999, p.240-51) afirma que a “imagem é um fenômeno social, pois há um intercâmbio contínuo entre nossa própria imagem e a imagem corporal dos outros”. Fica claro então que a própria percepção de imagem corporal é influenciada na forma como vemos o corpo do outro, pois é isso que constitui esse intercâmbio dito por Schilder.

Segundo K. Secchi & cols. (2009) a concepção de imagem corporal é a percepção que integra os níveis físico, emocional e mental. Em seu estudo a autora cita Tavares (2003) que confirma a ligação desse intercâmbio do desenvolvimento da imagem corporal com a estruturação da identidade de determinado grupo social, corroborada por Schilder (1977) quando afirma que a sociedade no qual se encontra o indivíduo realiza de fato uma interferência de forma fundamental na percepção e elaboração da imagem corporal desse indivíduo.

A imagem corporal não só é influenciada pelas expectativas culturais corporais, mas também se faz parte constituinte dessa imagem. Ainda sobre o estudo de K. Secchi & cols. (2009) a autora cita que segundo Moscovici (1976) e Schilder (1977) além da importância psicológica e do desenvolvimento interior sobre a imagem

corporal há também uma ênfase coletiva, que se refere às opiniões e ao senso comum.

As opiniões, o senso comum e o padrão ideal de beleza feminina se fazem presentes e relevantes na percepção da imagem corporal, desta forma os veículos de mídia representam tais ideais culturais corporais e acabam se tornando um objeto impositor das expectativas culturais corporais, pressionando as mulheres a buscarem o inalcançável, um corpo ideal e irreal. Tavares (2003) define bem o que é expectativa cultural corporal: “Somos pressionados em numerosas circunstancias a concretizar, em nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura”.

O culto ao corpo e a necessidade de atender às expectativas culturais corporais está levando principalmente as mulheres a procurarem cada vez mais cirurgias plásticas estéticas. No Brasil essa busca tem sido cada dia mais frequente, tornando-se o país que mais realizou cirurgias plásticas estéticas no mundo, segundo dados publicados pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética em 2020.

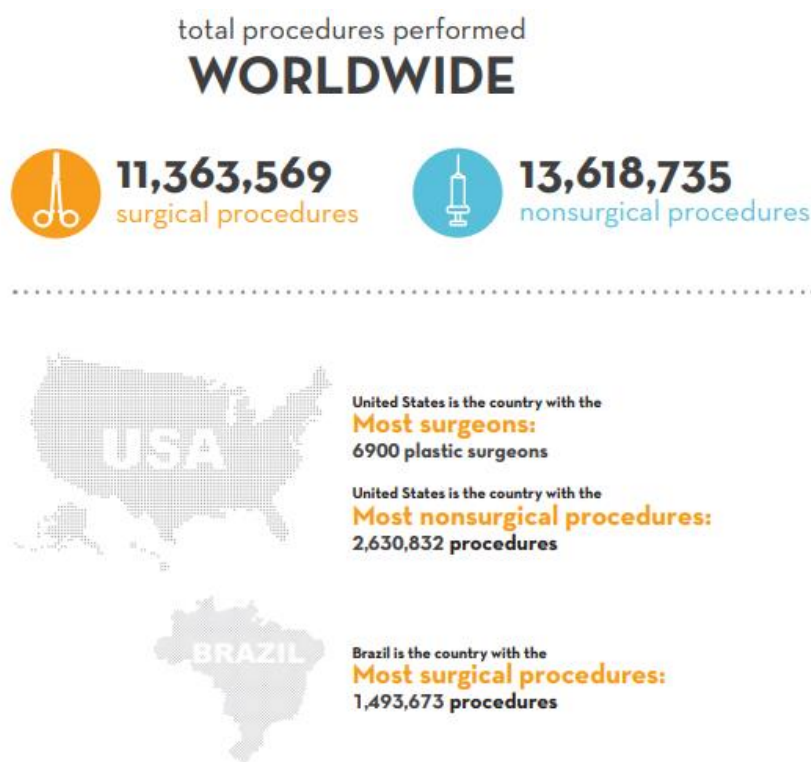


Imagem 1: Total de procedimentos feitos no mundo. Fonte: <https://www.isaps.org/pt/>

Isso acontece porque a autoimagem está ligada a imagem corporal e conseqüentemente com autoestima, ambas sofrem influências externas que podem causar sentimentos positivos ou negativos. Segundo Mosquera e Stobäus (2006) a auto estima pode ser definida como uma percepção avaliativa sobre si próprio, gerando ideias sobre si mesmo que podem ser positivas ou negativas, de forma inconstante apresentando altos e baixos, e autoimagem é a forma como o indivíduo se enxerga. Segundo Barros (2005, p. 547-57) auto imagem é formada pelas interferências sociais vividas e hábitos criados. A autora ainda afirma que a imagem corporal é construída e desconstruída, em diversas tentativas, pela busca da imagem e corpo ideal.

Quando o indivíduo possui autoimagem e autoestima negativas, isso pode influenciar de forma direta na saúde psicológica, levando ao desenvolvimento de psicopatologias como ansiedade, depressão e distúrbios de imagem que podem se transformar em distúrbios alimentares. Segundo Saikali, C.J. (164-66, 2004) indivíduos com transtornos alimentares reportam sentirem-se pressionados pela mídia e terem aprendido “técnicas não-saudáveis de controle de peso (indução de vômitos, exercícios físicos rigorosos, dietas drásticas) através desse veículo”.

A relação entre distúrbio de imagem corporal e transtornos alimentares é que segundo Cash e Deagle (1997) o distúrbio de imagem corporal é um sintoma dos transtornos alimentares, na qual os indivíduos são influenciados por suas experiências com o peso e a forma corporal e realizam uma auto avaliação, que por sua vez sofrem distorções cognitivas, realizando comparações com os ideais culturais corporais e realizando auto críticas.

Segundo Brunch (1973) vários distúrbios são incluídos nessas distorções como: distúrbio da “consciência cognitiva do próprio corpo, das sensações corporais, senso de controle sobre as funções corporais e razões afetivas para a realidade da configuração corporal” (Saikali, C.J. (164-66, 2004).

Além dos transtornos alimentares é possível ver o crescimento demasiado dos distúrbios de imagem, como o TDC (Transtorno Dismórfico Corporal) e podem ser definidos como uma preocupação excessiva em relação a defeitos pequenos ou até imaginários na aparência do indivíduo, trazendo “prejuízos na vida social, ocupacional e em outras áreas” (B. J. Sadock & V. A. Sadock, 2007), levando mulheres a realizarem cada dia mais cirurgias plásticas estéticas sem a real necessidade de tais procedimentos invasivos.

BRINQUEDOS QUE IMITAM HUMANOS E SUA RELAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL

A importância de ter cuidado com a imagem corporal a partir da infância se mostra com a afirmação de SCHILDER (1999) de que as primeiras experiências infantis são importantes para a conexão da criança com ela mesma e com o mundo, que ela levará isso pra vida toda.

Uma das primeiras experiências de uma criança é a brincadeira, o brincar, e o brinquedo. Segundo Veiga (1998, pg. 25) as brincadeiras são a criação daquela sociedade, sendo também parte cultural daquele grupo social. A criança se envolve em atividades físicas e mentais, estabelecendo uma relação de aprendizagem e conhecimento dela com o mundo ao brincar. Entendemos então que o brinquedo é além de uma atividade física, lúdica, mas também uma atividade cultural. Desta forma ao brincar a criança é influenciada e inserida naquela cultura de forma natural e espontânea.

Segundo Brougère (1997), o “brinquedo é a síntese do que a criança representa para a sociedade, não se tratando de uma visão puramente realista, mas uma imagem do mundo que se destina à criança e o que ela deve edificar para si”. Brinquedos que imitam humanos são oferecidos as crianças, tais brinquedos representam uma imagem, principalmente corporal na qual a criança se inspira, Brougère (1991) ainda

afirma que tal representação não é real, mas sim uma imagem cultural destinada a criança. “Manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade” Brougère (1997, p.43).

Brinquedos que imitam humanos representam uma cultura baseada no ideal corporal, com padrões irreais e inalcançáveis sendo, conforme anteriormente dito, mutáveis de acordo com o período e sociedade. Segundo Lira e Kopczynski (2018) diversos estudiosos afirmam que as transformações relacionadas ao objeto brinquedo são homogeneizadoras e, portanto, capazes de padronizar identidades. A padronização dos brinquedos dessa forma, demonstra que aquilo que é construído fora da padronização, se torna anormal, assim como os corpos de meninos e meninas que ao serem diferentes do padrão, se tornam anormais (Dornelles, 2004, p. 5).

Tal afirmação nos remete novamente ao ano de 1913 quando houve a inserção dos médicos higienistas nas aulas de Educação Física nas escolas, realizando exames nas crianças e classificando-os como normais, àqueles que atendiam a expectativa cultural corporal da época, ou retardados àqueles que eram “fisicamente irregulares” (Soares, 1994 p. 130).

A boneca Barbie é o exemplo perfeito do brinquedo que imita humanos, padronizado e que representa um ideal cultural corporal. Lira e Kopczynski (2018) afirmam que assim como a boneca “o brinquedo é mais o espelho da sociedade, das relações adulto-criança do que a representação do real” e ainda concluem que a boneca é referência para similares e que desta forma também se fazem representações das expectativas culturais corporais da mulher, de como ela deve ser, dos padrões impostos pela sociedade.

Assim como a playboy se tornou a representação dos padrões de beleza corporais da mulher, a Barbie se tornou a mesma representação para as crianças e dessa forma é possível perceber que as expectativas culturais corporais são impostas

acompanhando a mulher desde criança até a vida adulta. Lira e Kopczynski (2018) citam que Roveri (2008) afirma que a Barbie foi inicialmente criada por uma conotação pornográfica, assim como a playboy, mas sofreu alteração para que sua venda e comercialização fosse agora destinada às crianças. Lira e Kopczynski (2018) ainda afirma que “a empresa Mattel comprou os direitos autorais da boneca e, por meio de uma equipe de renomados profissionais, “tentou” deserotizá-la e a adaptá-la às crianças” (CECHIN e SILVA, 2012).

A boneca Barbie e suas similares fazem uma série de representações ideais da mulher, relacionadas ao corpo e ao consumismo, sendo sinônimo de “beleza, juventude e consumo”. As representações culturais corporais tornam-se mais frequentes com a tecnologia na vida infantil, não só pelos brinquedos, mas também por desenhos, filmes, jogos e roupas, se tornando cada vez mais uma “educação imagética”, representando e impondo cada vez mais e de formas diferentes as expectativas culturais corporais. Na ascendente difusão de imagens, sobre as quais as crianças estão expostas, maneiras de ser e de pensar são disseminadas e, inclusive, tomadas como verdades (CECHIN e SILVA, 2012).

Em pesquisa realizada por Lira e Kopczynski (2018), as crianças são questionadas o porquê de acharem a boneca Barbie bonita e todas as crianças ligam a beleza da boneca aos padrões corporais e físicos. Uma delas ao ser questionada porquê a boneca é magra responde que “se a boneca fosse gorda, não seria bonita” e outra criança complementa dizendo que se a boneca fosse gorda não venderia tanto, porque ela seria feia. Cechin e Silva (2012) explicam que “ao eleger-se uma estética corporal, uma etnia, um gênero, naturaliza-se somente um modo de subjetivação, o que pode fazer do diferente algo negativo, fora dos padrões de normalidade”.

Ao brincar com a boneca, Roveri (2008, p.8) afirma que elas brincam em imaginação com seu próprio corpo e desta forma “há uma ligação entre o que é da Barbie e tornar-se a Barbie: vestir suas roupas, usar seus acessórios e sapatos iguais aos seus, significa conseguir o mesmo corpo, o incrível sucesso, o luxo e o prestígio

da boneca”, tais características que só são conquistadas quando há adesão à moda, cosméticos de beleza, malhando o corpo e intervenções cirúrgicas. “Cabe então à criança a procura por uma aparência que se assemelha à imagem adulta da boneca. E é esta mesma, a imagem que a maioria das crianças têm da boneca” Roveri (2008, p.8)

Não só a boneca Barbie mas também outras bonecas que imitam humanos, atrizes e famosas realizam tais representações. Em 1998 Pope et al. realizou um estudo examinando os brinquedos de ação que imitam humanos, nesse caso o corpo masculino, com a justificativa de que os bonecos estavam ficando cada vez mais musculosos e que isso seria uma reflexão da cultura corporal ideal do homem. “O público é exposto diariamente, em revistas, filmes, entre outras mídias, as imagens masculinas cada vez mais - e muitas vezes não naturais - musculosas. Alguns indivíduos, respondendo a essas mensagens culturais, podem se tornar predispostos a desenvolver dismorfia muscular” Pope et al (1998).

O estudo realizado obteve as medidas de circunferência de cintura, tórax e bíceps dos brinquedos e dimensionaram utilizando alometria clássica (Norton, Olds, Olive, & Dank, 1996) para uma altura comum de 1,78 m (70 pol.). O estudo demonstrou que os brinquedos não só ficaram mais musculosos como também desenvolveram uma maior definição muscular, com os músculos do abdômen mais visíveis e proeminentes como de um fisiculturista avançado. Outra característica que chamou atenção do autor foi a exibição do músculo serrátil, no qual é uma característica facilmente observada em fisiculturistas, mas não em homens comuns. Eles constataram também que um dos bonecos analisados se fosse mais alto, extrapolasse 70 pol. De altura, teria bíceps maiores do qualquer fisiculturista da história (Pope et al 1998).

Segundo Pope et al (1998), apesar de os personagens e brinquedos não serem inteiramente humanos, pois alguns possuem super poderes irrealis, eles representam corpos humanos, porém com uma musculatura que varia de simples até maior que

muitos fisiculturistas. O autor conclui que inclusive a boneca Barbie se extrapolasse a altura de 67 pol. Teria uma circunferência de cintura de 16 polegadas, equivalente a 40 cm (Norton et al., 1996) e desta forma, apresentando a mesma representação humanamente irreal do bíceps do super-herói masculino mencionado.

Saikali et al (2004) cita em seu trabalho um estudo realizado por Becker et al (2002) no qual foram avaliados os impactos da exposição de adolescentes a televisão durante 3 anos, os resultados mostraram que os indicadores de transtorno alimentar foram significativamente mais prevalentes após o período de exposição, no qual os indivíduos demonstraram interesse em perder peso, sugerindo que houve um impacto negativo da mídia.

CONCLUSÃO

Concluimos que houve sim uma mudança no ideal corporal no Brasil nos últimos 47 anos. Todas as medidas, exceto altura, das modelos da Playboy Brasil apresentaram uma correlação por tempo positiva, na qual a medida de busto teve uma correlação de apenas 0,05 enquanto a de quadril foi a maior, com 0,46. A procura por quadris e glúteos volumosos tem aumentado, assim como o interesse das mulheres pela cirurgia de remoção de implantes mamários, corroborando com os resultados da pesquisa com as modelos da Playboy.

É necessário compreender os significados culturais dos brinquedos e suas representações na sociedade a partir da infância, entender as imposições e representações midiáticas tendo uma visão crítica. Sendo a cultura corporal objeto de estudo e ensino da Educação Física escolar, é importante destacar que por todo contexto histórico-cultural ainda hoje carrega paradigmas que devem ser discutidos, pois foi utilizada como objeto para padronizar, disciplinar e dividir os corpos das crianças.

A Educação Física fez parte do início da imposição da sociedade por um padrão corporal ideal e é por meio dela que esse padrão deve ser discutido nas aulas. Em um estudo realizado por Hill & Silver, Tiggemann & Wilson Barret, é confirmado que crianças entre 7 e 12 anos com excesso de peso, são menos felizes, mais preguiçosas e possuem menos amigos, desta forma estão mais suscetíveis a distúrbios alimentares do que crianças com peso normal. Damasceno e Vianna (2006) afirmam que os principais fatores contribuintes para distúrbios de imagem corporal na infância são: “O índice de massa corporal (IMC); a índole ou temperamento; as influências socioculturais; os pais; o grupo de relacionamento pessoal; os meios de comunicação e os brinquedos”.

A escola e principalmente a Educação Física é muitas vezes parte contribuinte para o desenvolvimento dos distúrbios de imagem e transtornos alimentares pois os alunos fora do padrão corporal ideal geralmente são excluídos pelos próprios colegas ao serem os últimos escolhidos em diversas atividades coletivas. Adams (1977) afirma que em diversas situações cotidianas os indivíduos considerados não-atraentes são discriminados, enquanto indivíduos considerados atraentes parecem receber mais suporte e encorajamento. Segundo Damasceno e Vianna (2006) “alguns autores consideram que são as mensagens negativas, principalmente as oriundas de familiares, professores, amigos e a da mídia, que tornam o “ser gordo” ruim e o “ser magro” algo muito bom e aceitável socialmente”.

É importante que o professor de Educação Física realize essa visão crítica e possa auxiliar para que ao invés de reproduzir uma ideologia que faça os alunos odiarem seus próprios corpos e assim realizando autocríticas e comparações com corpos irreais, dando continuidade a um processo de imposição do ideal cultural corporal, o professor possa desconstruir a teoria de que esse ideal cultural corporal divulgado pelas mídias e representado pelos brinquedos é a representação do corpo belo e perfeito e possa os ajudar a amarem e aceitarem seus corpos.

A transformação de valores e paradigmas culturais caminham de forma lenta, são anos de reprodução desses ideais culturais. As dificuldades e os conflitos dos professores são diversos, porém a escola não é apenas objeto de reprodução cultural, mas também de construção cultural (Sousa e Altmann 1999).

REFERÊNCIAS

1. ADAMS, G.R. **Physical Attractiveness Research: toward e Ivelopmental Social Psychology of Beauty**, 1977. In: DANIEL, Natacha Massoco. Imagem corporal, influência da família e da mídia/cultura sobre o corpo e auto-estima em acadêmicas dos cursos de serviço social, educação física e psicologia da UNOESC. Trabalho de conclusão de curso. UNOESC: São Miguel do Oeste, 2007.
2. AMARAL et al. A cultura do corpo ideal: nível de satisfação corporal entre escolares de diferentes faixas etárias - estudo comparativo. **HU rev.**, Juiz de Fora, v.33, n.2, p.41-45, abr./jun. 2007
3. ANDRADE, S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.119-43, 2003.
4. ANZAI, K. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.21, n.2-3, p.71-6, 2000.
5. BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio-ago. 2005.
6. BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Companhia. São Paulo: Cortez, 2004.
7. BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
8. BORDO, Susan R. “O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault”. In: JACAR, Alison e BORDO, Suzan, R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, pp. 19-41. (Co-leção Gênero, V.1).

9. BOURDIEU, Pierre. "A dominação masculina". **Educação e Realidade**, v. 20. No 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 133-184.
10. CASH, T.F.; DEAGLE E.A. - The Nature and Extent of Body Image Disturbances in Anorexia Nervosa and Bulimia: a Metaanalysis. **International Journal of Eating Disorders** 22:107-25, 1997.
11. CASTELLANI FILHO, L. (1988). Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, Papirus
12. CECHIN, Michelle B.C; SILVA, Thaise da. Assim Falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal: Rev. de Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 24 – n. 3, p. 623-638, Set./Dez. 2012
13. COUBE, R. J. et al. O CORPO COMO VETOR SEMÂNTICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE LE BRETON. **CONBRACE**, 2013.
14. DAMASCENO, V.O.; VIANNA, V.R.A.; VIANNA, J.M.; LACIO, M.; LIMA, J.R.P.; NOVAES, J.S. Imagem corporal e corpo ideal. **R. bras. Ci e Mov.** 2006; 14(1): 87-96.
15. DORNELLES, Leni Vieira. O brincar e a produção do sujeito infantil. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n.3, p.17-20, dez. 2003/ mar. 2004.
16. FELIX, C. J. da S. O corpo feminino na revista Playboy: a objetificação do corpo desnudado . 2019. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

17. FISCHER, Seymour *The evolution of psychological concepts about the body*. 1990 In: Cash, Thomas. F.; Pruzinsky, Thomas (ed.) *Body images: development, deviance and change*. **New York: The Guilford Press**, p. 4-18.
18. FISCHER, Rosa M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.59-80, jul/dez, 1997.
19. FREITAS, C.M.S.M. et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010.
20. FREITAS, G. G. (1999) O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. Ijuí: Ed. Unijuí, 96 p.
21. FOUCAULT, M. (1985). *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro, Graal.
22. GOELLNER, S.V. A revista Educação Física (1932-1945) e embelezamento da mulher. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, (21)1: 1335-1340 (1999).
23. GOLDENBERG, Mirian. The Body as Capital: Understanding Brazilian Culture. in: **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 7, n. 1. January to June 2010. Brasília, ABA. Available at <http://www.vibrant.org.br/issues/v7n1/mirian-goldenberg-the-body-as-capital/> acesso em 5 de abril, 2021.
24. GUTHRIE, S.; CASTELNUOVO, S. The significance of body image in psychosocial development and embodyng feminist perspectives. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign, **Human Kinetics**, 1994, p.307-22.

25. HILL A & Silver E. Fat, friendless and unhealthy: 9-year old children's perception of body shape stereotypes. **International Journal Obesity Relation Metabolism Disorders**. 1995; 19(6): 423-430.
26. Internacional Society of Aesthetic Plastic Surgery. ISAPS INTERNATIONAL SURVEY ON AESTHETIC/COSMETIC PROCEDURES performed in 2019.
27. KNIJNIK, J.; SIMÕES, A. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.14, n.2, p.196-213, 2000.
28. SECCHI, K & cols. Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Abr-Jun 2009, Vol. 25 n. 2, pp. 229-236.
29. LEIT, Pope and Gray. Cultural Expectations of Muscularity in Men: The Evolution of Playgirl Centerfolds. P. 90- 93, 1999.
30. LIRA, A. C. e Kopczynski, J. A. Brinquedo e cultura: Barbie e a constituição da identidade feminina. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 38.
31. LIPOVETSKY, G. O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
32. LIPOVETSKY, G. (2000). A terceira mulher. São Paulo: Companhia das Letras.
33. LOURENÇÃO van Kolck, O. (1 984). Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. São Paulo: E.P.U.

34. MAUSS, M. (1974). As técnicas corporais. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP.
35. MOSCOVICI, S. (1976). La psychanalyse, son image et son public. Paris: PUF.
36. NAHOUM, V. (1987). La belle femme ou le stade du miroir en histoire. **Communications**, (46), 22-32. Mimeografado.
37. NORTON, K.I., Olds, T.S., Olive, S., & Dank, S. (1996). Ken and Barbie at life size. *Sex Roles*, 34, 287–294.
38. POPE, H.G., Olivardia, R., Gruber, A., & Borowiecki, J. (1999). Evolving ideals of male body image as seen through action toys. **International Journal of Eating Disorders**, 26, 65–72.
39. ROVERI, Fernanda Theodoro. Barbie na educação de meninas: do rosa ao choque. São Paulo: Annablume, 2012. 134p.
40. ROVERI, Fernanda Theodoro. A boneca Barbie e a educação das meninas: um mundo de disfarces. In: **30ª ANPED**, Caxambu, 2008. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt23-3154--int.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.
41. SADOCK, B. J., & Sadock, V. A. (2007). Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica. Porto Alegre: **Artmed**.
42. SCHILDER, P. (1977). A imagem do corpo. Buenos Aires: Paidós.
43. SCHILDER, Paula. imagem do corpo: as energias construtivas da psique. 1999. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

44. SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v.2, nº11, Dimensão, set/out. 1996.
45. SOARES, C. Educação física: raízes européias e Brasil. Campinas, Autores Associados, 1994.
46. SOUZA, M.C. A educação das meninas a partir da boneca Barbie e seus padrões. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 412-416, 2014.
47. TAVARES, M. C. G. C. (2003). Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. São Paulo: Manole.
48. TURTELLI, L.S.; TAVARES, M.C.G.C.F.; DUARTE, E. Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: v. 24, n. 01, p. 151-166, set./2002.
49. VILHENA, J. MEDEIROS, S. NOVAES, J. V. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.** [online]. 2005, vol.5, n.1, pp. 109-144. ISSN 1518-6148.